

ANDRÉ GREEN E O CASO GABRIEL EM A POSIÇÃO FÓBICA CENTRAL

ANDRÉ GREEN Y EL CASO GABRIEL
EN LA POSICIÓN FÓBICA CENTRAL

ANDRE GREEN AND GABRIEL
IN THE CENTRAL PHOBIC POSITION

Gisele Senne de Moraes
Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
ORCID: 0000-0002-6578-4200
gimoraes@uol.com.br

Data de Recebimento: 04-10-2024
Data de Aceitação: 30-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Senne de Moraes G. (2024) ANDRÉ GREEN
E O CASO GABRIEL EM A POSIÇÃO FÓBICA CENTRAL
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.9
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

ANDRÉ GREEN

E O CASO GABRIEL

EM A POSIÇÃO FÓBICA CENTRAL

Gisele Senne de Moraes¹

1 Gisele Senne de Moraes é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, onde estudou a obra de Sílvia Bleichmar.

Resumo: No artigo *A posição fóbica central: com um modelo de associação livre* (2010a), Green nos apresenta o caso Gabriel, cujo funcionamento fóbico nas sessões se mostrava por fala imprecisa, em que o psicanalista frequentemente sentia que perdia o fio do que era comunicado. Gabriel suscitava em Green experiências de vazio, recorrendo a frases como “não sei” ou “não me lembro”, o que dificultava a capacidade de pensar do analista e do próprio paciente. Para o autor, o funcionamento fóbico de alguns pacientes nas sessões resulta do risco ao Eu diante da proposta do método psicanalítico; a interconexão de cadeias associativas traumáticas distintas teria potencial para se tornar o trauma maior. Por meio do caso, buscamos apresentar o modelo de aparelho psíquico com o qual o psicanalista francês trabalhava e alguns de seus principais conceitos, como trabalho do negativo e estrutura enquadrante.

Palavras-chave: associação livre, trabalho do negativo, estrutura enquadrante, borderline.

Resumen: En el artículo *La posición fóbica central: con un modelo de asociación libre* (2010e), Green nos presenta el caso de Gabriel, cuyo funcionamiento fóbico en las sesiones se mostraba por un discurso impreciso, en el que el psicoanalista muchas veces sentía que perdía el hilo de lo que se estaba comunicando. Gabriel evocó en Green experiencias de vacío, utilizando frases como “no sé” o “no recuerdo”, que dificultaban la capacidad de pensar del analista y del paciente. Para el autor, el funcionamiento fóbico de algunos pacientes en las sesiones resulta del riesgo para el Yo ante la propuesta del método psicoanalítico; la interconexión de distintas cadenas asociativas traumáticas tendría el potencial de convertirse en el trauma mayor. A través del caso buscamos presentar el modelo del aparato psíquico con el que trabajó el psicoanalista francés y algunos de sus principales conceptos, como el trabajo de lo negativo y la estructura encuadradora.

Palabras-claves: asociación libre, trabajo de lo negativo, estructura de encuadre, borderline.

Abstract: In the article *The central phobic position: with a free association model* (2010a), Green presents us with the case of Gabriel, whose phobic functioning in the sessions was shown in imprecise speech, in which the psychoanalyst often felt that lost the thread of what was being communicated. Gabriel evoked experiences of emptiness in Green, using phrases such as “I don’t know” or “I don’t remember”, which hindered the analyst’s and the patient’s ability to think. For the author, the phobic functioning of some patients in the sessions results from the risk to the Ego due to the proposal of the psychoanalytic method; the interconnection of distinct traumatic associative chains would have the potential to become the major trauma. Through the case, we seek to present the model of the psychic apparatus with which the French psychoanalyst worked and some of his main concepts, such as the work of the negative and framing structure.

Key-words: free association, work of the negative, framing structure, borderline.

Introdução

O presente artigo¹ deriva do curso Dimensões do inconsciente psicanalítico: revisitando casos clássicos², que teve como propósito mostrar a articulação entre clínica e teoria de importantes psicanalistas, para explicitar a coerência entre o fazer psicanalítico e a teoria construída pelo autor. A inclusão de André Green no curso visou contemplar a significativa contribuição que autores contemporâneos trouxeram à psicanálise; Green foi um dos escolhidos por sua relevância ao campo psicanalítico a partir da década de 1960 até o fim de sua vida. O psicanalista viveu entre 1927 e 2012, tendo escrito extensa obra, sobretudo no campo das fronteiras e é leitura fundamental para compreensão de casos-limite ou borderline. O caso escolhido no curso foi Gabriel, apresentado por Green no texto A posição fóbica central³, material que representa o pensamento maduro do psicanalista. No artigo, Green defende a centralidade do aspecto fóbico no funcionamento de alguns pacientes nas sessões, motivo pelo qual nomeia como posição fóbica central, trazendo observações extraídas da longa análise de Gabriel, o caso clínico que o ajudou a compreender tal modo de funcionamento. O autor apresenta também seu pensamento clínico sobre o caso e formulações sobre o processo associativo esperado, tecidas a partir do modelo desenvolvido por Freud em O projeto para uma pesquisa científica (1895).

O caso Gabriel

As sessões com Gabriel eram marcadas por “angústias permanentes”, com fala confusa e particularmente imprecisa quanto a acontecimentos e datas, que ora apareciam relatados em a uma idade, ora em outra. Era um discurso repleto de generalidades que funcionavam como névoa ao pensamento de Green. Quando surgiam temas interessantes e Green conseguia seguir o pensamento de seu paciente, Gabriel dizia que o psicanalista teria se cansado dele e que o mandaria embora. O paciente frequentemente recorria a frases como “não sei”, “não me lembro”, “não é apaixonante isso que estou dizendo”, frases que eram uma espécie de “fórmula” que aniquilava a capacidade de pensar de Green.

Levou anos para o psicanalista compreender que Gabriel havia morado com uma “ama-de-leite” (Green, 2010a, p.71) com idade entre 1 e 3 anos. Ao ser perguntado, o paciente não sabia dizer por qual motivo isso ocorrera. Gabriel foi separado da mãe e apenas o pai o visitava. Ele esperava silenciosamente pela mãe, sem demonstrar, por medo do pai também desaparecer. Quando ela foi buscá-lo, ele não a reconheceu. Gabriel finalmente conseguiu relacionar o acontecimento com o fato de sua mãe não ter percebido um abcesso no seio que impedia a amamentação: de seu seio saía apenas pus, mas ela não sentia dor e não viu o desespero do filho que emagrecia e possivelmente estava desidratado.

1 Agradeço a Nelson Coelho Junior pela atenta leitura e pelas contribuições ao texto.

2 Curso de curta duração, em parceria com Douglas Rodrigo Pereira, Jonas de Oliveira Boni, Ricardo Cavalcante e Thiago Abrantes, que contou com aula introdutória de Nelson Coelho Jr., oferecido pelo Instituto Nebulosa Marginal em 2021.

3 O artigo em que Green relata o caso Gabriel, *La position phobique central: avec un modèle de l'association libre*, foi publicado na *Revue Française de Psychanalyse* em julho de 2000 e traduzido para o português pela *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre* em 2010 com o título *A posição fóbica central: com um modelo da associação livre (A posição fóbica central)*. Está publicado também no livro *La pensée clinique* (2002), que foi traduzido pela *Amorrortu* para o espanhol como *El pensamiento clínico* (2014).

Os pais se separaram quando Gabriel tinha 12 anos e ele morou com a mãe "deprimida e inacessível" até os 15 anos, quando ela mudou de casa e o deixou. O pai havia casado novamente e o convidou para ir morar com ele em outra região, mas Gabriel vivia em conflito com a madrasta e decidiu não ir, ficando completamente solitário. Teve uma adolescência conturbada e, após ser reprovado no exame final do ensino médio, morou fora da França por um período; nova fase de completo isolamento, solidão e tristeza.

Por anos a mãe preferiu não ver Gabriel, não o procurava, evitava visitas do filho e chegava a desligar a linha telefônica. Quando atendia ao telefone, reclamava de tudo, afirmando que só Gabriel podia ajudá-la, mas nada do que ele dizia era escutado. Green finalmente entendeu que a mãe de seu paciente não suportava separações, temia adoecer ao se separar após uma visita ou uma conversa. A solução para evitar sofrimento era não encontrar o filho.

Gabriel certa vez trouxe a memória de se ver esperando pela mãe depois de ter sido separado dela: "Não é possível, isso não pode ser eu" (p.72). Para Green, esta seria uma criação terapêutica carregada de verdade, não uma fantasia. Havia aí um não reconhecimento da imagem de si no "isso não pode ser eu", uma imagem de si percebida e representada, mas negada ao mesmo tempo.

Gabriel possuía tormentos permanentes, mas para Green ele não os possuía pois "o que o angustiava encontrava explicação no comportamento dos outros em relação a ele" (p.72). Era um movimento defensivo em que as fronteiras eu-outro ficavam confusas. Para Green, não se tratava tanto de relação eu-outro, mas de não diferenciação bem estabelecida. Confusões facilitadas em sua adolescência em momentos com sua mãe, por exemplo quando ela o apresentou como irmão ou talvez como marido, com diferentes nomes, momentos em que o colocava em situação de "suspensões transitórias de sua identidade" (p.73). Não eram identificações, ao contrário, impediam identificações. Movimentos sugestivos de relações duais ou de não separabilidade, mas Green compreendeu, ao mesmo tempo, que havia elementos indicando a presença do terceiro, como na fantasia de que seria o pai o responsável pela privação materna, porque queria a mãe só para si. Por isso teria afastado Gabriel, privando-o da relação com a mãe na amamentação; a relação com o seio materno, com a mãe na amamentação, ainda que mortífera, era possessão de Gabriel.

Green foi entendendo melhor seu paciente e alguns de seus comportamentos. Certa ocasião, ao mencionar sua espera pela mãe quando esteve separado dela, Gabriel voltou ao abcesso no seio materno com um relato dela sobre sua amamentação: "e você sugava, sugava e sugava", o que fez Green pensar que nada saía, tal como nas sessões, supomos no texto. Quando Gabriel se aproximava de campos associativos perigosos,

Como o original freudiano, Green aproxima o funcionamento associativo a um modelo arborescente⁴. No entanto, a ênfase está no aspecto reticular passível de ressonâncias múltiplas, com núcleos de reverberação retroativa e anunciação antecipatória que se conectam entre si. Há reverberação retroativa na medida que uma fala adquire sentido a partir de ecos retroativos nas falas emitidas antes na sessão, o que evidenciará “a persistência de seu poder significativo muito tempo depois que o discurso que as veiculava se extinguiu” (p.65). E há anunciação antecipatória na medida que alguns termos funcionam como advertências, mas que somente são percebidos por seu caráter antecipatório pelo analista a posteriori, uma vez que o valor de tal antecipação se encontrava isolada, não permitindo ao analista perceber o que anunciava.

Dito de outra forma, o modelo proposto por Green para explicar uma sessão produtiva (quando há associação livre) prevê a fala do paciente na sessão como um circuito em uma estrutura temporal complexa. A exposição de Green sugere que a psicanálise propõe um paradigma associativo diferente da linearidade presente em teorizações linguísticas. A fala associativa, carregada de quanta de afeto, possui efeitos de irradiação, com ressonâncias que operam interconectadas em rede, seja pelo caráter antecipatório de certos enunciados, seja pela reverberação retroativa operante em sessões. Copio um trecho que sumariza esta compreensão:

Como se vê, um tal funcionamento lembra muito mais a figura de rede do que a da linearidade, às vezes ramificada na coexistência de diferentes temporalidades, lineares e reticulares. Além disso, entre as ramificações que entram na figuração do processo, algumas partes podem permanecer mudas, pois são submetidas a um contrainvestimento muito forte; elas não são menos ativas no inconsciente, podendo às vezes ser reanimadas ou, em outros casos, passar a excitar outras sem se expressarem explicitamente. Outras parecerão ausentes, e o sentido jamais se desenvolverá a partir delas, mas insinuarão na mente do analista a ideia de sua necessidade para chegar a uma compreensão mínima e, no entanto, sempre hipotética. Se há efetivamente arborescência do sentido, é na medida em que se pode passar de um ramo da árvore a outro por um trajeto recorrente para chegar em seguida às bifurcações posteriores do ramo de onde se partiu. (Green, 2010a, p.66)

Interessante notar o uso que o autor fez de expressões que remetem ao universo do movimento, de ondas e da energia, tais como efeito de irradiação, ressonância, vibração interna, propagação associativa...

4 Na página 65 (2010), o autor apresenta a seguinte figura:

A rede formada com o discurso associativo é uma rede por onde circula o aspecto energético. O modelo sugere que afetos possuem o papel mais relevante nas difrações ou desvios. Assim, Green defende que o discurso associativo tem como marca efeitos de irradiação, implicando que seus pontos nodais, onde ocorrem difrações, são portadores de efeitos dinâmicos articuláveis a outros momentos do discurso da sessão ou de outras sessões. Como dissemos, o modelo de associação livre foi o ponto de partida para Green se aproximar do funcionamento mental na posição fóbica central. Nela, o paciente ao desviar de um elemento nodal do discurso, pode chegar a outro ponto desencadeador de afeto e isso provocar outro desvio, nova difração, e assim por diante.

Gabriel e o risco de curto-circuito

Destaquei anteriormente que o discurso associativo seria arborescente, seus elementos, ao irradiarem, ressoam uns nos outros, formando uma espécie de rede interconectada. Assim, cada bloco de elementos discursivos – que Green denominou de semantemas – forma um circuito próprio; os circuitos se integram formando circuitos maiores, por vezes em momentos bastante distintos na sessão. Em Gabriel, os circuitos eram constituídos por diferentes traumas com vias de circulação impedidas. Ao desviar de uma via associativa ameaçadora, Gabriel acessava outra igualmente perigosa, cuja circulação também se encontrava impedida. Para fugir de uma armadilha ele avançava diretamente para outra tão ou mais perigosa. O psiquismo de Gabriel era um campo minado, não havia por onde circular. Desta forma, o maior problema em suas sessões era que acessar um determinado campo semântico traumático teria o potencial de conectar diversos campos semânticos traumáticos, sendo a possibilidade de tudo se conectar o maior perigo de todos. A única solução era esvanecer, confundir, apagar-se na produção contra-transferencial, que tinha como efeito impedir a capacidade de pensar do psicanalista.

A proposta de Green, ao escrever seu texto, era mostrar o funcionamento psíquico fóbico nas sessões. À diferença de pacientes que fazem relatos sobre suas fobias, cujas análises produzem associações e novas possibilidades, na posição fóbica central - mesmo quando há relatos de fobias – o sintoma fóbico é insuficiente para “circunscrever o conflito ou, pelo menos, seus aspectos mais investidos” (p.58), de tal forma que a análise da fobia patina em falso, chegando a conclusões imprecisas e indeterminadas.

O aspecto fóbico se localiza na evitação da regra fundamental da psicanálise, a associação livre, com a evitação da inteligibilidade da fala e, conseqüentemente, da capacidade de pensar do analista, portanto, do próprio processo analítico. Para Green, haveria falência da defesa neurótica. O espraiamento da evitação fóbica produz extensa inibição do Eu e leva a um isolamento cada vez maior do paciente. Os pacientes sentem que fogem, mas não sabem do que fogem. Os pacientes, na verdade, fogem de si mesmos. Não apenas de algum aspecto transgressivo que possam possuir.

Desta forma, o funcionamento fóbico de Gabriel era uma atitude de evitamento que resultava no prejuízo do próprio pensar, da capacidade de pensar do paciente e do analista. A posição fóbica central seria uma “disposição psíquica de base que se encontra geralmente no tratamento de certos estados limites” (p.60). O central teria relação com o caráter fundamental da disposição ao evitamento. O central, assim, tem relação com as ressonâncias entre temas ameaçadores não apenas em função de sanções do Supereu, mas também ameaçadores à própria organização do Eu, temas que se potencializam uns aos outros pela amplificação que produzem entre si, sendo fundamental evitar conexões. São situações em que não há um único evento traumático (mesmo que este tenha sido intenso), existem diversos eventos traumáticos. Constelações traumáticas que, se conectadas – e vimos que a proposta da associação livre é a da conexão de distintas situações semânticas –, seriam catastróficas com potencialidade para desmantelar o Eu:

O verdadeiro trauma consistirá então na possibilidade de vê-los reunidos em uma configuração de conjunto onde o sujeito perde sua capacidade interior de se opor às proibições e não tem mais como assegurar os limites de sua individualidade, recorrendo a identificações múltiplas e às vezes contraditórias, e sendo incapaz agora de pôr em prática soluções defensivas isoladas. É por isso que a ideia de centralidade me pareceu a mais apropriada para definir uma situação entre duas águas, nível intuitivamente percebido pelo analista como sendo aquele em que progride a corrente associativa, enfrentando aquilo que cria obstáculo à sua progressão, às suas ramificações, ao desdobramento no sentido da superfície, assim como em direção à profundidade. (Green, 2010a, p.61)

O posicionamento de evitação de Gabriel, que ia no sentido de se esquivar da associação livre, seria manifestação do negativo. Nesse momento, faz-se apropriado abordar o conceito trabalho do negativo desenvolvido pelo autor, fundamental também para compreendermos o modelo de aparelho psíquico e algumas construções teóricas de Green.

O trabalho do negativo, o duplo limite do aparelho psíquico e o narcisismo primário

O conceito trabalho do negativo foi desenvolvido por Green em alguns artigos ao longo dos anos, com aproximações mais ou menos distintas a cada novo material e é tema de um livro do autor. Buscarei “sintetizar” a ideia decompondo seus termos: trabalho e negativo. O termo trabalho foi emprestado do uso que Freud fez da palavra, como processo de transformação no aparelho psíquico (Green, 2008b, p.260). Assim, tal como o trabalho dos sonhos ou o trabalho do luto, a negação também envolve um trabalho psíquico, uma exigência ao psiquismo, por exemplo, como construção de um não à descarga direta pulsional.

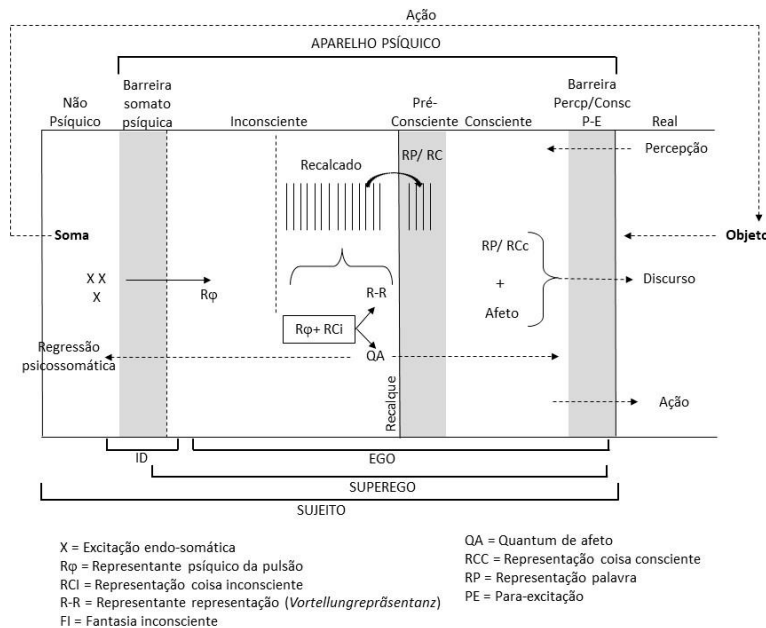
Já com relação ao termo negativo, a inspiração maior de Green parece ter sido A negação (1925), texto sobre o qual chegou a afirmar: “O artigo de Freud sobre a “Negação” é de longe, no que me diz respeito, o artigo que mais me faz refletir, em minha prática analítica e em minha elaboração teórica” (Green, 1990b, p.79). No material, Freud afirma que a negação na linguagem – “não, não é isso” – seria um substituto intelectual do recalque, de tal forma que o não mais distante seria um sim, disfarçado em função do recalque. Para tal, Freud sustenta que há dois tipos de julgamentos no psiquismo: de atribuição e de existência. O primeiro, o julgamento de atribuição, decide se o objeto é bom ou mau e, assim, se deve ser incorporado ou excorporado. Ele é o julgamento mais próximo da linguagem pulsional e é anterior ao outro. O julgamento de existência, por sua vez, estabelece diferenciação entre objeto interno e externo, se o objeto existe ou não. Ou, como Green resgata de Sára e Cesar Botella, se é “Somente dentro – Também fora” (Green, 2008b, p.265). Green destacou nas Conferências Brasileiras o fato de Freud ter afirmado que o julgamento de atribuição (se o objeto é bom ou mau) antecede o julgamento de existência (se o objeto existe ou não) e vai além ao refletir sobre sua incidência:

o que quer dizer que uma coisa é considerada boa ou má antes que tenhamos decidido se ela existe ou não, o que contraria qualquer lógica, porque mesmo que não exista na realidade ela pode existir na nossa mente -, ele tem uma frase que me levou a abismos de reflexão... Freud diz que se procurarmos a fonte dessa função da negação e da afirmação vamos encontrá-la na linguagem das mais antigas moções pulsionais – as pulsões orais. [...] então a negação deixa de ser uma função do ego. O trabalho do negativo não é mais uma atividade defensiva que só estaria ligada ao ego [...]. (Green, 1990b, pp.79-80)

5 Recusa (-da realidade), segundo tradução de Laplanche e Pontalis (2001). Na tradução para o português do texto de Green, encontramos os termos clivagem ou rejeição (Green, 2008b, p.263)

6 Lacan traduziu Verwerfung como forclusão, “mecanismo de rejeição fora da cadeia simbólica” (Green, 2008b, p.261). Green menciona que a palavra alemã teria sido traduzida também como rejeição (p.261). repudio (p. 261).

A partir dessas duas aproximações, é possível afirmar que trabalho do negativo se trata do conjunto de operações que possuem como característica alguma forma de negação no interior das instâncias psíquicas e entre elas. O que inclui as defesas primárias e aquelas cujo protótipo são o recalque (Verdrängung), como a recusa⁵ (Verleugnung) e a forclusão⁶ (Verwerfung), até a denegação ou negação (Verneinung) na linguagem. O trabalho do negativo, assim, opera da pulsão à linguagem: “língua do Eu – aquela que fala – [e] na língua do id – aquela que engole ou cospe” (Green, 2010b, p.291). Quanto mais próximo o trabalho do negativo está do representante psíquico da pulsão, mais próximo estará do mortífero; quanto mais próximo do recalque, maior será sua proximidade com a pulsão de vida (Green, 1990b, pp.81).



Green fala em excorporação, mecanismo prévio à identificação projetiva (Green, 2010b, p.292), como o não do id (eu cuspo, eu vomito). Trata-se de uma ação que visa colocar para fora o mau, para expulsá-lo para o mais longe possível, o que se relaciona com o estabelecimento dos limites dentro-fora, permitindo “a criação de um espaço interno no

qual o Eu como organização pode nascer para a instauração de uma ordem fundada no estabelecimento de ligações relacionadas a experiências de satisfação” (p.292). Assim, a ideia de estabelecimento de dentro-fora remete à instauração do Eu como or-

ganização e, por conseguinte, do objeto como algo separado.

A expulsão do mau (Green, 2010d p.303) protege o Eu, desde que o outro se ocupe em descarregar o excessivo da criança, desde que o excorporado e projetado no objeto seja transformado e restituído à criança. Trata-se de uma questão de espaço e de tempo, diz Green fazendo referência a construções bionianas e winnicottianas. O trabalho do negativo, portanto, está na pulsão excorporada e projetada no outro, mas é um não que se estende ao próprio objeto, à negação mesma de sua existência, para que o Eu possa ser instaurado: “É essencial para a construção do Eu do bebê que lhe permita dizer sim a si mesmo, que a mãe aceite que ele possa lhe dizer não. Não somente sob a forma de ‘Você é má’, mas às vezes, também, ‘Você não existe’” (Green, 2010b, p.292).

Como vemos, o trabalho do negativo está presente nas defesas psíquicas que constituem os limites do psiquismo, estabelecendo um duplo limite ao operar em suas bordas, no somático e no real. Ele funciona expulsando os excessos, para poder fazer as ligações internas. Para tal, faz-se necessário que os objetos externos tenham a função de capturar os excessos que são expulsos do psiquismo, que consigam digeri-los, para que estes possam ser re-introjetados. O ambiente externo possui papel primordial para o estabelecimento do dentro e do fora, papel de continente, nos moldes de Bion. Dois limites, duas fronteiras, as fronteiras corpo/psiquismo e psiquismo/real. No meio, na área intermediária entre o somático e o real, o psiquismo se constitui.

Green apresenta um modelo gráfico de sua proposta de aparelho psíquico, seguindo uma sequência que vai do somático ao objeto externo, mesma direção que vemos no modelo freudiano da interpretação dos sonhos, do inconsciente à percepção. Apresento a seguir o modelo apresentado por Green, explicitando o modelo freudiano de A interpretação dos sonhos (1900)⁷ em seu interior, no qual visualizamos com clareza a proposta de duplo limite do aparelho psíquico:

7 O modelo desenhado se apoia nas imagens dos textos 2ª Conferência: “teoria das representações (coisas e palavras)” (1990a) e A análise do material e seus componentes (2008a), acrescidas por contribuições de Fernando Urribarri apresentadas em grupo de estudos sobre André Green (18/8/2017).

8 E dos representantes psíquicos da pulsão. Green apresenta uma analogia antropomórfica interessante na 2ª conferência presente no livro Conferências Brasileiras de André Green (1990a) para diferenciar um representante de uma representação. O representante psíquico da pulsão seria um mensageiro do corpo, aquele que traz um recado dizendo, por exemplo, “tenho sede”. A sede seria manifestação psíquica de um desequilíbrio iônico das células, do corpo. Na média dos seres humanos, a sensação de sede é uma boa solução para o desequilíbrio iônico, pois fará o sujeito beber água. Green destaca que isso ocorre na média, pois se trata de uma mensagem do corpo construída na evolução da espécie. Contudo, o mecanismo evolutivo na entrega do mensageiro pode não condizer com a situação daquele sujeito; a depender do estado de desequilíbrio iônico, beber água pode aumentar a desidratação. Mais que isso, a vivência, o objeto, o sexual pode inclusive desviar o mecanismo evolutivo, por exemplo, quando um desequilíbrio iônico é recebido como mensagem de fome ou de algo de outra ordem. Em qualquer caso, trata-se de uma mensagem que carrega uma exigência de trabalho ao psiquismo.

Com relação à pulsão de morte, Green parece manter a ambiguidade que a expressão carrega em Freud, ao aproximar a ideia de destruição com aspiração a nível zero no desinvestimento ou desligamento. Assim, o objetivo (meta) da pulsão de morte seria aumentar ao máximo a função desobjetalizante através do desligamento (Green, 2010c, p.100).

9 Aqui o autor faz referência ao artigo Narcisismo primário: estrutura ou estado (1966-1967) e que está publicado no livro Narcisismo de vida, narcisismo de morte (1988).

Como podemos observar na imagem, o campo do psíquico é essencialmente domínio das representações⁸; a própria representação é um negativo, no sentido de não positividade da presença do objeto. Candi (2010) aponta que o negativo é também o que não está na positividade do psiquismo como representável, é o irrepresentável (ou o irrepresentado), o traumático e excessivo. Esta autora sugere ainda que o negativo na obra de Green ora se aproxima do recalque ou do branco (psicose branca), ora se inclina para as ideias de vazio e de irrepresentável.

O trabalho do negativo constitui o psiquismo, mas também o ameaça, na medida que o excesso e a destrutividade não sejam transformados pelo outro e restituídos ao sujeito, à criança. O aspecto destrutivo ganha protagonismo em função de ausência ou presença excessiva de objetos primários bons internalizados que produzam uma estrutura enquadrante no narcisismo primário. Quando a ameaça sobressai, há o negativo do negativo.

A sequência a seguir permite nos aproximarmos das ideias de estrutura enquadrante e narcisismo primário em Green:

É apenas quando a resposta do objeto se produz em um prazo suficiente e tolerável, e sob uma forma assimilável (capacidade de rêverie da mãe, Bion), que o Eu da criança pode se dizer: “isso não é isso, mas isso pode funcionar”. E é desse ponto que pode partir o recalque. O recalque se efetua, portanto, sob o modelo das aceitações e das recusas do objeto. Compreendemos melhor a comparação antropomórfica de Freud mencionada no início destas reflexões [em O recalque (1915)]. O pequeno homem que está no homem é, de fato, uma pequena mãe. O que é agradável ou desagradável para o Eu se fundamenta naquilo que é agradável ou não agradável pelo objeto. A relação com o objeto foi internalizada, o sim e o não foram introjetados. O recalque originário estabelece o limite entre o Cs-Pcs, de um lado, e o lcs, de outro. (Green, 2010b, p.293)

A mãe (ou quem quer que exerça essa função) será recriada em negativo no psiquismo:

Uma das aplicações mais fecundas do conceito de alucinação negativa, que não se aplica à psicopatologia, mas é parte integrante da normalidade, é de conceber a situação descrita por Winnicott do holding, como estrutura continente, cuja memória permanecerá quando a percepção da mãe não estiver mais disponível, pelo fato de estar ausente. Nós propusemos a formulação, em 1967⁹: “a mãe é presa no quadro vazio da alucinação negativa, e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito. O sujeito se constrói onde aconteceu a investitura e não o investimento do objeto”. (Green, 2008b, pp. 270-271)

É neste sentido que falei acima que com a instauração do Eu como organização o objeto surge como algo separado; o apagamento do objeto enquanto necessário ao sujeito, intrínseco à ilusão de que o objeto não é constitutivo, permite que este se estabeleça como objeto de atração ou repulsa apenas (Green, 2010d, p.301). Na medida que o objeto externo frustra com suas falhas e se deixa separar - no sentido winnicottiano da mãe suficientemente boa - a direção da libido muda, voltando-se sobre o si, para “paliar os efeitos da sua ausência”:

A perda do seio, contemporânea à apreensão da mãe como objeto total que implica que o processo de separação entre a criança e esta tenha se realizado, dá lugar à criação de uma mediação necessária para paliar os efeitos de sua ausência e sua integração ao aparelho psíquico, isto fora da ação do recalçamento, cuja finalidade é diferente. Esta mediação é a constituição, no Eu, do quadro materno como estrutura enquadrante. (Green, 1988b, p.125)

Como vemos, o processo transcorre como um retorno ou uma dobra sobre si, para dar conta de uma (necessária) falha ambiental. Envolve também satisfação autoerótica no momento que o objeto se configura como ser total¹⁰. Vejamos mais um trecho:

O fato de que a perda do objeto coincida com o momento em que se reúne o órgão que proporciona a satisfação, o seio, com aquela que dele está provida, a mãe, e que esta perda desemboque no autoerotismo inaugural, pode fazer pensar que também pôde ser interiorizado o vínculo do órgão com a pessoa. Esta interiorização não culminará na consciência de uma forma corporal, mas sim pelo fechamento dessa modalidade circulatória dos investimentos, no sentimento de uma autonomia, de uma perfeição, de uma libertação do desejo, pela criação simétrica, apenas da apreensão global e unificadora do Eu da criança, como Lacan o descreveu no estádio do espelho. (Green, 1988b, p.130)

10 “O auto-erotismo poupa o objeto e não o perde totalmente, pois é no momento em que o sujeito pode ter uma apreensão completa da mãe que a pulsão se torna auto-erótica” (Green, 1988, p.130).

11 “O narcisismo primário não pode ser compreendido como um estado, mas sim como uma estrutura” (Green, 1988, p.141).

12 Esta esclarecedora imagem foi oferecida por Fernando Urribarri em grupo de estudos em encontro ocorrido em São Paulo em 18/08/2017.

Green argumenta então que o narcisismo primário, “momento” em que a libido faz um retorno sobre o Eu e este se fecha como em um circuito, não seria apenas um estado, uma fase. O narcisismo primário, na medida que a mãe do holding winnicottiano seja internalizada como estrutura enquadrante, torna-se uma estrutura¹¹ psíquica central.

Se pensarmos com o modelo do autor, é como se nesse momento o duplo limite se juntasse, a fronteira com o real se voltasse formando um modelo fechado ao encostar na fronteira do somático¹², quando o mais externo se aproxima do mais interno do sujeito. A figura formada, um cilindro, capta a ideia de fechamento do Eu, tal como uma esfera. Imagem que transmite tanto a ideia do Eu do narcisismo primário oferecendo um contorno ao sujeito quanto à da vesícula protoplasmática oferecida por Freud em Além do princípio do prazer (1920).

13 Função objetualizante e desobjetualizante são construções do autor. Sobre a função objetualizante:

Sugerimos a hipótese de que o objetivo fundamental das pulsões de vida é assegurar a função objetualizante. Isso não significa apenas que seu papel seja o de criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas também que ela se revele capaz de transformar estruturas do objeto (Green, 2010c, p.99).

Em seguida, sobre função desobjetualizante: Inversamente, o objeto da pulsão de morte é realizar, tanto quanto possível, uma função desobjetualizante pelo desligamento. Esta qualificação permite compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – O Eu, por exemplo, e o fato mesmo do investimento na medida em que ele sofreu o processo de objetualização. (Green, 2010c, p.100)

14 Para completar esta descrição, acrescento que propus distinguir um narcisismo primário positivo (vinculável a Eros), tendendo para a unidade e a identidade, e um narcisismo primário negativo (vinculável às pulsões de destruição) que não se manifesta pelo ódio ao objeto – este é perfeitamente compatível com o refluxo do narcisismo primário positivo – mas pela tendência do Eu a desfazer sua unidade para tender a zero. Isto se manifesta clinicamente pelo sentimento de vazio (Green, 1988a, pp.266-267)¹⁴ “Para completar esta descripción, voy a acrescentar que propuse distinguir un narcisismo primario positivo (vinculable a Eros), que tiende hacia la unidad y la identidad, y un narcisismo primario negativo (vinculable a las pulsiones de destrucción), que no se manifiesta a través del odio al objeto — este es perfectamente compatible con el reflujo del narcisismo primario positivo — sino por la tendencia del Yo a deshacer su unidad hacia el cero. Esto se manifiesta clínicamente por el sentimiento de vacío” (Green, 1988a, pp. 266-267).

A operação de fechamento no narcisismo primário, portanto, não se dá sem que haja intrincamento pulsional, a pulsão de morte atua operando o desligamento em relação ao objeto externo. Não se trata somente de pulsão de vida ou de libido, é preciso considerar o papel da pulsão de morte nesta operação potencialmente estruturante de espaço interno ao sujeito, que poderá, a partir de então, ser e agir a partir de um centro próprio. Quando essa operação não se estabelece suficientemente, o sujeito opera nas fronteiras, descentrado de si mesmo.

Na clínica, isto se apresenta quando o conflito não está no intrapsíquico, mas se expressa no intersubjetivo, no que o outro fez. Segundo Candi (2010), é quando vemos mais intensamente defesas como clivagens ou identificação projetiva, ou, ainda, o negativo do trabalho do negativo, com desinvestimentos, desobjetualização (função desobjetualizante¹³) e narcisismo negativo (destrutividade)¹⁴. Nos chamados casos-limite ou borderline, a destrutividade é protagonista. Para Candi (2010), são situações em que o enquadre analítico fica comprometido, onde a contratransferência entra de forma intensa e onde o pensamento vivo do analista é requisitado, quando o silêncio é vivido com sofrimento. O analista é demandado tanto afetivamente quanto corporalmente inclusive, situações nas quais o papel do analista é a de se manter vivo e com capacidade de pensamento.

E Gabriel?

Green sugeriu que a impossibilidade de determinados pacientes em escutar o analista não se trata da resistência típica da neurose, nem de ataques aos vínculos presentes nas psicoses (Bion), mas de destrutividade que se volta essencialmente contra o funcionamento psíquico do sujeito, por meio de evitação associativa na análise, e entendo que podemos estender também para a capacidade de pensar de forma geral. Na posição fóbica central, a impossibilidade de escuta de si e do analista seria manifestação da negatividade no tratamento (“não consigo escutar”, “não sei”, “não lembro”), expressão do trabalho do negativo em que haveria “alucinação negativa do sujeito por ele mesmo” (Green, 2010, p.74). Vejamos um trecho em que a ideia foi mais bem explicada:

o que é preciso levar em conta é o agrupamento dos diversos traumas evocando-se uns aos outros, e em que o esforço do sujeito leva à denegação do que eles podem mutuamente pôr em comunicação para a psiquê, porque eles desenham menos uma evolução integradora do que assumem a forma de uma perseguição repetitiva, levando, no limite, à denegação da própria realidade psíquica do sujeito ou da imagem que ele tem de si mesmo. Isso explica que a posição fóbica esteja no centro da organização psíquica, controlando, em cada circunstância, todas as vias que conduzem a isso assim como todas aquelas que partem daí, porque o quadro formado obrigaria o sujeito a reconhecer sua raiva, seu ciúme, e, mais do que tudo, sua destrutividade, forçando-o a se ver bem no fundo do desamparo, movido defensivamente por uma onipotência que só pode se situar na transgressão, ultrapassado por uma excitação sem fim mobilizando uma energia de desespero. (Green, 2010a, p.75)

A fórmula que impedia a capacidade de pensar, com suas denegações, eram um alerta que dizia “pare, daqui adiante há perigo!”. Green compreendeu que esse movimento sempre ocorria antes de um avanço no tratamento, um passo para trás antes de um passo à frente. A defesa em questão, que evitava ligações, seria “requisitada” pelo próprio processo analítico nesses casos. Nestas situações, o analista deve recuperar sua capacidade de pensar.

Gabriel passou anos sem visitar a mãe, até que ela adoeceu e eles se reaproximaram. Quando sua esposa conheceu a sogra, achou-a excepcional. Gabriel reencontrou, então, a mãe amorosa desbotada pelo apagamento expresso no “isto não pode ter sido eu”: vejo em minha memória, lembro, mas nego. Memórias de circulação amorosa puderam então retornar ao consciente. Green conta sobre intensos desenvolvimentos no tratamento e nas associações do paciente que ocorreram nas poucas sessões à época deste reencontro (real e figurado).

O apagamento comum às falas de Gabriel seria uma forma de se fazer cumprir a punição por uma culpa que demanda reparação interminável: a culpa de Gabriel era consequência do assassinato primário da mãe, cuja finalidade era realizar a excorporação do objeto abandonador. No entanto, extrair esse pedaço de dentro de si, essa evacuação, deixava um vazio.

Para fazer frente ao vazio deixado, condutas adictas de autoerotismo, alcoolismo, bulimias ou seduções compulsivas podem surgir, situando o objeto como substituível. E se o objeto é substituível, é possível se desfazer dele. A marca que este objeto deixa é a presença de uma ausência. Tal paradoxo, Gabriel só podia apreender a partir do vazio deixado. O assassinato primário da mãe recuperava a potência paterna, mas esta não livrava Gabriel de seu aprisionamento. O Supereu não conseguiu se estabelecer como o herdeiro do complexo de Édipo, apenas como instância que promulgava uma punição que era também a própria transgressão, na medida que a fantasia faz surgir a coisa como já realizada. Realizada porque admitida psiquicamente na cumplicidade da troca de olhares com a mãe, que aproximava Gabriel de sua mãe de forma condenável pelo pai. O pai, um presente ausente, neste sentido, só conseguia interditar a partir do completo afastamento, da separação total entre Gabriel e a mãe, foi o pai que o levou para longe. Green compreendeu a existência de uma fantasia de Gabriel quanto ao pai ter feito isso para ter a mãe apenas para ele. Havia um terceiro na figura do pai, mas não era um pai que garantia a interdição da mãe, não a um preço razoável. O preço a se pagar era o exílio de Gabriel.

Considerações finais

Ler André Green nem sempre é tarefa fácil. O generoso volume de boas ideias presentes nas linhas de seus textos somado a certa redundância como estilo de escrita deixa por vezes o leitor aturdido. Tudo parece fazer sentido e ser relevante. O problema é que, quando tudo é relevante e merece destaque, nada de fato se destaca. Isso não significa que seja menos relevante. Extrair a essência de um conceito nesse cenário é correr o risco de reduzir a complexidade do pensamento do autor. Risco que se apresentou aqui, desde a apresentação do caso com o pensamento clínico até a teoria que lhe deu embasamento, mas a contribuição que o presente artigo buscou trazer para a melhor compreensão do pensamento deste importante psicanalista francês fez jus ao desafio.

Referências bibliográficas:

- Candi, T. (2010). O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green. Editora Escuta.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. Em *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. I, pp.375-376). Imago (Trabalho originalmente publicado em 1950 e escrito em 1895).
- Green, A. (1990a). 26/08/1986 – 2ª Conferência brasileira “teoria das representações (coisas e palavras)”. Em *Conferências Brasileiras de André Green: Metapsicologia dos Limites* (pp. 63-82). Imago.
- Green, A. (1990b). 28/08/1986 – 3ª Conferência brasileira “o trabalho do negativo”. Em *Conferências Brasileiras de André Green: Metapsicologia dos Limites* (pp.33-62). Imago.
- Green, A. (1988a). A mãe morta. Em *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Editora Escuta.
- Green, A. (1988b). O narcisismo primário: estrutura ou estado? Em *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Editora Escuta.
- Green, A. (2008a). A análise do material e seus componentes. Em *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Imago Ed; SBPSP, Depto de Publicações.
- Green, A. (2008b). O trabalho do negativo. Em *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (pp. 259-275). Imago Ed; SBPSP, Depto de Publicações.
- Green, A. (2010a). A posição fóbica central: com um modelo da associação livre. Em *Revista de Psicanálise* (vol.17, n. 1, pp.35-70. Trabalho originalmente publicado 2000 na *Revue Française de Psychanalyse*, v.64, n.3, pp. 743-773 LXIV-3.). Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).
- Green, A. (2010b). O trabalho do negativo (1986). Em *O trabalho do negativo* (pp.289-300). Artmed
- Green, A. (2010c). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. Em *O trabalho do negativo* (pp.95-102). Artmed
- Green, A. (2010d). Seminário sobre o trabalho do negativo (1988). Em *O trabalho do negativo* (pp.301-313). Artmed
- Green, A. (2014). La posición fóbica central. Con un modelo de la asociación libre. Em *El pensamiento clínico* (pp.142-176). Amorrortu.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.